

# Diogo Cão e Mestre Gil



No dia 24 de janeiro, os alunos do nono ano da Diogo Cão deslocaram-se ao Teatro Municipal de Vila Real para assistir à encenação do Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente, dramaturgo português do século XVI, no âmbito do estudo do texto dramático.

“*Ridendocastigat mores*”, ou seja, a rir se castigam os costumes. A adaptação da obra feita pela companhia vila-realense, Filandorra, aflorou aspetos que provam a intemporalidade das suas críticas, denúncias ou chufas que atingem todas as dimensões da sociedade. Adaptada aos tempos modernos, a peça traz à cena a corrupção da justiça, que se faz representar por um corregedor e procurador fraudulentos, que insistem em seguir no batel divinal por conta da vara ou dos livros que carregam; ou a igreja dissoluta que se expõe através de um padre prevaricador e seu broquel, que teima em embarcar na companhia de uma moça; ou o nosso setor comercial, tão bem ilustrado por um sapateiro ratoneiro, que persevera em levar “três forminhas cagadas” mas bem representativas de questões como o desrespeito pelos direitos do consumidor, a publicidade enganosa ou marketing agressivo; ou ainda o poder e, por conseguinte, a classe política corrupta, retratada pelo fidalgo manieto, que atrás de si arrasta um pajem, uma cadeira e um

manto. E o nosso setor bancário tão ilustremente representado pelo onzeneiro usurário, “parente do diabo”! Mas é a alcoviteira Brísida Vaz que mais nos diverte e lembra que continuamos a debater-nos com o problema do tráfico humano e da escravidão sexual.

Apesar da relutância inicial a sessenta minutos de espetáculo ou aos dez minutos de caminhada, a boa disposição, as gargalhadas oportunas e o espontâneo aplauso no final do espetáculo levam-nos a acreditar que contribuímos para aumentar o público nas salas de teatro ou, quem sabe, despertar o bichinho pela representação nalgum dos nossos alunos, por venturanaqueles que na última cena subiram ao palco, engrossando o grupo dos quatro cavaleiros, paladinos da paz e da justiça, únicos,além do parvo,devido talvez à sua ingenuidade ou imbecilidade, desfiando crimes e castigos, a entrar na barca do anjo.

As professoras de Português

Teresa Letra Figueiredo, Elisabete Mourão, Isabel Ferrajão